



A
SAGA
DRACONIANA
TRILOGIA

A LENDA DE SOPHIE DUPONT

A.G.
OLYVER



1ª Edição Especial
2022

Catálogo na publicação (CIP)
Ficha Catalográfica feita pelo autor

0153S Olyver, A. G., 1984
I. A Saga Draconiana Trilogia - A Lenda de
Sophie Dupont/ A. G. Olyver. - 2021
676 P. ; 21 cm.

I. Literatura Brasileira. 2. Ficção.

I. Título

CDD: B869.3
CDU:821.134.3(81)-31

Direitos Reservados ao Autor

DEDICATÓRIA

Antes demais nada, deixo nessa página minha eterna gratidão a todos aqueles que apoiaram as minhas obras. Aqueles que jamais me deixaram desanimar e perder as forças.

Deixo, em destaque, meu mais profundo e sincero agradecimento e amor às duas mulheres mais importantes de minha vida: Minha mãe, Nerci Maria Godois de Oliveira, e o Amor de minha vida, Gleyce Kelly Costa Duarte. E dedico a elas, com todo o meu coração, essa obra intitulada A Saga Draconiana; como também aos meus irmãos Melquisedeque, Jossuá, Osires e à minha irmã Cristina, e também em memória das minhas irmãs Silvia e Viviane, que estão com Deus. Eu os amo muito e sou eternamente grato por vocês.

Aos meus leitores e amigos, destaco dois que sempre me cobraram e, felizmente, continuam me cobrando para que essa Saga não pare nunca. Por isso, à Débora Cristina da Silva e ao Mauricio Tadeu Campos Belchior, com os quais sempre discuto o Universo Drakkar, meu mais sincero obrigado. E também aos meus amigos do coração que sempre que podem panfleteiam a Saga Draconiana, como o grande Maicon Garcia, Tiago Maurer, Guilherme Esswein, Leonardo Juchen, André Dewes, Amanda Griebeler, Vanessa Cunha, Sandra Roehe Link, Franciele Motta, e tantos outros que não teria páginas suficiente para agradecê-los. Amo todos vocês.

E a você, leitor, que agora tem em mãos essa trilogia em volume único do primeiro arco de A Saga Draconiana, que contará a história de Sophie Dupont e lhe iniciará no Universo Drakkar, meu desejo da melhor aventura de sua vida!

E, achando-se essa dicatória justa, dentro do que tange a perfeição, procedamos ao início dessa leitura...

A. G. Olyver

SUMÁRIO

PARTE I

SOPHIE DUPONT E O DRAKKAR DE PRATA

PRÓLOGO

- I – NOBRE DESCENDÊNCIA
- II – NOBRE DESCENDÊNCIA (PARTE 2)
- III – A ÚLTIMA PROTETORA
- IV – O INSTITUTO
- V – CONHECE-TE A TI MESMO
- VI – A GRADUAÇÃO
- VII – O CERCO APERTA
- VIII – O SALÃO DE FOGO
- IX – ATAQUE AO INSTITUTO
- X – VELHOS AMIGOS
- XI – O COMEÇO DO FIM
- XII – O PESADELO TORNA-SE REAL
- XIII – OS CAVALEIROS DA NOVA GERAÇÃO

PARTE II

SOPHIE DUPONT E OS LORDES DRAGÕES

- I – SEGUNDA CHANCE
- II – A SERPENTE EMPLUMADA
- III – E COMEÇA A EXTINÇÃO
- IV – JORMUNGANDR, O LORDE DRAGÃO AZUL
- V – NOVOS RUMOS
- VI – A CALMA E A TEMPESTADE
- VII – A DANÇA DOS PRODÍGIOS
- VIII – A ESPERANÇA RETORNA
- IX – O PALÁCIO NA TERRA DOS BAVRI
- X – DAHAG, O LORDE DRAGÃO NEGRO
- XI – EM BUSCA DO MAPA
- XII – O INSTITUTO PAMIR
- XIII – DE VOLTA AO CAMINHO
- XIV – NGALYOD, O LORDE DRAGÃO DO FOGO
- XV – QUETZALCOATL, A LADY DRAGÃO BRANCO

XVI – VRITRA, O LORDE DRAGÃO VERDE

PARTE III
SOPHIE DUPONT E A MÃE DOS DRAGÕES

I – OUROBOROS

II – NOVOS AMIGOS DO ORIENTE

III – A PODEROSA DRAKKAR DE FOGO

IV – MITOS DO PASSADO

V – DESPEDIDAS

VI – A PRIMEIRA E ÚNICA

VII – EQUILÍBRIO

VIII – MUDANÇA DE PLANOS

IX – PONTO SEM VOLTA

X – CHAE

XI – RIN

XII – CONFRONTO DE TITÃS

XIII – TIAMAT, A MÃE DOS DRAGÕES

EPÍLOGO

————— | PRÓLOGO | —————

Sempre pensei na vida como um sonho lúcido. Jamais parara para entendê-la, visto que nunca a senti como se fosse real. Dada como um pacote descartável para um orfanato logo ao nascer, fui com o tempo, aprendendo a não esperar muito das pessoas. E mesmo sendo adotada aos dez anos – já com uma idade difícil – por um casal maravilhoso de Nova Iorque que me criou com muito amor e carinho, perdia horas sozinha observando os céus e as nuvens. No mais íntimo do meu coração eu sentia que algo estava prestes a acontecer em minha vida. Uma mudança de proporções descomunais. Entretanto não sabia se aconteceria ainda naquela vida, ou quando acordasse.

– Sophie Dupont –



PARTE I
SOPHIE DUPONT E O DRAKKAR DE PRATA

—————|I|—————
NOBRE DESCENDÊNCIA

O contato do avião com o solo tornava aquele momento concreto, não havia mais volta. Saber que moraria com meus tios naquela cidadezinha esquecida por deus enchia-me de dúvidas. Fora poucas vezes para lá e conhecia no máximo uma meia dúzia de pessoas – e isso era muito, pois não conseguia ser tão sociável como gostariam que fosse –. A morte dos meus pais me abalou menos do que deveria também. De fato sentia falta deles, mas era uma sensação realmente complicada. Fui adotada tarde; então meus tios em Siete Pasos eram a única família que me restara.

Rapidamente tirei meu smartphone da mochila e olhei as horas – sei que deveria tê-lo desligado, mas quem o faz?

– Quase quatro horas... – resmunguei.

– Tem algum encontro? – perguntou a mulher que viera sentada ao meu lado.

Olhei-a com cautela, nunca fora de confiar e dar conversa para estranhos, porém uma mulher aparentemente cega e vestida como uma “socialite” não parecia oferecer nenhum perigo.

– Não. É que estou um pouco ansiosa – disse com um sorriso amarelo. Não gostava muito de “jogar conversa fora”, pois sentia que não dariam importância para o que dissesse. Nunca deram.

– Qual o seu nome mocinha? Não é daqui, certo? – perguntou insistindo em uma conversa.

– Sophie. Não... Sou de Nova Iorque... – respondi seco tentando concluir nosso pequeno evento social.

Manter-me sozinha sempre fora minha melhor proteção e, mesmo assim, acabava me machucando na maioria das vezes; mas felizmente o comandante do avião acabou liberando a saída e, sem perder tempo, levantei-me e enfiei-me por entre os outros passageiros que tentavam formar uma longa e desordenada fila para descer.

– Vejo que está com pressa... – ela disse.

Pude pensar no mesmo instante em alguma piada entre o “vejo” e o fato dela parecer cega, mas preferi me manter calada. Aquelas piadas não eram por maldade, apenas vinham à minha mente sem serem convidadas.

– Pois é. Meu tio está esperando – por que dei corda?

– Ah! Que bom. Mande-lhe um abraço por mim – ela disse tentando se sentir íntima.

Vira muito disso na instituição para menores, sempre o mesmo papo furado, mas no final das contas não dão a mínima para o que acontecerá com você depois que eles saem.

– Mandarei sim. Até mais! – encerrei a conversa.

Na sala de desembarque, aquela multidão toda acabava com meus nervos. Queria sair o mais rápido daquele lugar. Odiava estar rodeada por pessoas estranhas – talvez algum trauma por estar sempre pulando de um lar adotivo para outro. Nunca andei muito na linha, afinal se andar na linha o trem pega.

– Até mais mocinha. E cuide-se. Se um dia for à nossa cidade, vá visitar minha loja. Chama-se SUBLIME – disse a mulher enquanto passava por mim empurrando o carrinho de bagagens. Não entendia como fazia aquilo sendo cega. Talvez não fosse.

Olhei para a esteira e lá estavam elas, minhas duas enormes malas, que juntas, pesavam no máximo quinze quilos. Peguei-as e, colocando-as no carrinho de bagagens, dirigi-me à saída. Esperando-me, lá estava meu tio Walter, irmão da minha finada mãe que por sete anos criou-me como se me colocara no mundo ela mesma. E, por aquilo, só tinha a agradecê-la.

– Fee! – gritou ele. Meu apelido particular.

Em suas mãos vi algo que não conseguia acreditar. Algo perturbador. Ele segurava uma placa escrita com grandes letras tortas “FEE DUPONT” – morri de vergonha.

– O que pensa que está fazendo tio Walter? – disse por entre os dentes repreendendo-o enquanto me aproximava com o carrinho de bagagens.

– Achei que não fosse me reconhecer, já faz cinco anos que não vem à Califórnia – sorria ele de orelha a orelha.

Meu tio, sempre gentil, tomou o controle do carrinho e começou a empurrá-lo.

– Vamos. O carro está lá fora – ele disse.

– A tia Anne não veio? Nem a Alexandra e o Jack? – perguntei. Temia não os ter reconhecido ali por perto.

– Sua tia está em casa preparando as coisas para o jantar. Alexa saiu com o namorado e Jack tinha jogo hoje em Houston.

Senti-me aliviada.

Meus primos queridos, Alexandra e Jackson. A primeira era uma aventureira maluca que só me metia em encrencas e o segundo um “pegador barato” que achava ser o centro do mundo.

– Então Alexandra está namorando? – fiz-me de curiosa, mas a verdade é que tinha outras coisas mais importantes para me preocupar, como por exemplo,

a minha vida. Sempre havia problemas no meu futuro e aquilo me deixava inquieta.

– É. Eu, particularmente, não gosto dele. É um motoqueiro riquinho. Ele é muito esquentado... – o tipo predileto da Alexandra – Sabe os Rogers? – ele perguntou.

– Acho que não.

– Os donos do Pinte&Compre...

– Não estou lembrada.

– Bem... os donos do hipermercado, ele é filho deles.

– Ah! O hipermercado. Acho que lembro. Um garoto brigão, não é? – comentei. – Eles não tinham uma filha que brincava conosco? Acho que o nome era Sue Anne...

Havia lembrado dos dois, com os quais convivia durante os verões.

– Esses mesmos. Essa menina é outro problema, Fee.

– Ela sempre foi meio deprê... – e sem falar que ficava violentando as nossas bonecas.

– Agora, dizem, está usando drogas... – até então nada inesperado, ela era bem perturbada.

– Veio com o “ferrugem”, tio? – perguntei ao chegarmos ao estacionamento. Ferrugem era o carro velho do tio Walter.

– Vim. Está ali – respondeu-me apontando para o velho Chevrolet estacionado, cuja pintura não se podia mais definir de tão enferrujado.

– Está na hora de trocar de carro, tio Walter – disse cheia de cinismo.

– Esse é um Chevrolet Malibu Classic 1979... sabe quanto vale um carro desses? – perguntou ele estufado de orgulho feito um pavão.

– Não sei... uns quatro mil dólares? – disse rindo. Não devia valer nem aquilo.

– Três mil e quinhentos... – respondeu baixinho andando em direção ao porta malas.

Ele guardou minhas malas e, com alguns solavancos, fechou a tampa.

– Podemos ir – ele entrou no carro.

Tentei abrir a porta, mas parecia estar soldada.

– Não consigo abrir, tio Walter. Parece emperrada – lamentei.

– Não, Fee. Tem que empurrar a porta, puxar um pouco para cima e então puxar... – explicou-me. Só me restou rir da situação.

Ao empurrar a porta senti como se fosse despencar a qualquer momento – o velho ferrugem-. A porta fez um som que parecia um container abrindo e, por fim, ao puxar, soltou-se bruscamente pendendo um pouco para baixo.

– Nossa! – exclamei surpresa.

O carro parecia estar se desmanchando.

– Eu sei que está um pouco velho... – ele disse envergonhado.

– Pouco? – ri irônica. Senti-me mal no instante seguinte, não queria ofendê-lo.

– Mas sua tia e eu estamos juntando dinheiro para comprar um carro mais moderno.

Esperava que não demorasse muito. Não que eu fosse metida e quisesse andar em um carro do ano, mas qualquer carro que não estivesse se decompondo estava de bom tamanho.

Entrei no carro e fechei a porta – com certa dificuldade –. O estofamento, se é que poderia chamar assim, parecia feito de esponja pura. O assoalho era coberto de papéis e jornais que tampavam os buracos corroídos pela oxidação.

– Sua tia não vê a hora de você chegar, Fee. Vamos logo. Coloque o cinto. – disse colocando o seu próprio. Pelo menos havia cinto.

Sáimos do aeroporto e fomos para Siete Pasos, que ficava mais ou menos à uma hora de Santa Ana, onde desembarquei.

O caminho era seco e a poeira levantava-se hostil pela estrada; o calor da Califórnia, terrível como o inferno, fazia-me derreter e claro que o velho ferrugem não tinha ar condicionado. Esquecera de como era horrível a viagem de Santa Ana até Siete Pasos, porém logo estaria terminada e eu estaria deitada na grande banheira da tia Anne, banhando-me. Isso sim era animador.

– Como tem sido a vida em Nova Iorque, Fee? – perguntou ele iniciando outro evento social fora de hora.

– Nada de mais. Sabe como é. Morávamos próximo ao Central Park, então passava quase todo o tempo livre lá alimentando os passarinhos – mentira.

– Sério, Fee? – perguntou apreensivo como se isso fosse algo assombroso.

– Claro que não tio. É Nova Iorque! Óbvio que sempre tinha coisas incríveis para fazer – outra mentira.

– Entendo. Bem... aqui não é Nova Iorque... – obviamente não era –, mas poderá ir à Los Angeles sempre que quiser, é pertinho – concluiu ele.

O pertinho dele era algo em torno de duas horas de viagem. Tio Walter tinha um “ótimo” senso de tempo e distância.

– Alexa ficou tão ansiosa ao saber que viria morar conosco que pediu para que a colocássemos no seu quarto. Claro que se não gostar pode ficar no quarto de hóspedes – disse.

Alexa era uma aventureira maluca, mas confesso que não devia existir no mundo uma garota tão companheira como ela. Sempre me meteu em encrencas, mas ficava comigo até o fim. Mal se podia dizer que éramos primas e, não só por ela ser morena com olhos escuros e eu loira de olhos azuis, um verdadeiro con-

traste, mas por não ser tão desinibida e não ter metade de sua coragem, extravagância e beleza que, diga-se de passagem, deixava todos os garotos babando.

– Vou adorar ficar no quarto da Alexa, tio Walter – disse para animá-lo. Ele estava contendo demais para lhe estragar o momento com minha “privacidade”.

– Que bom, Fee! Fiquei com medo de você querer ficar em um quarto separado, por causa da privacidade. Então teríamos que mudar todo o quarto de novo – disse. Parecia que já haviam decidido tudo.

Após uns quarenta minutos de viagem um barulho peculiar começou a chamar minha atenção. Parecia que havia soltado um pedaço do motor e esse se jogava contra a lataria incessantemente sendo acompanhado por uma fumaça espessa e aparentemente, devido minha crise de tosse, tóxica.

– Tio Walter, o que é isso? – perguntei assustada.

– Não acredito que me esqueci de por água no radiador! – disse decepcionado com tudo aquilo.

– Água onde? – indaguei atônita. Sabia tanto de mecânica quanto de engenharia naval. A única coisa que me preocupava é que o barulho e a fumaça aumentavam ao passo que o carro parava.

– Espero não ter fundido o motor... – resmungou enquanto rapidamente descia do carro e corria em direção ao capô.

– Não acredito que ficamos no meio do nada, tio Walter! – exclamei desanimada.

– Calma, Fee. Vou telefonar para Anne. Vou pedir para ela mandar o Pablo vir nos buscar e mandar um reboque também...

Como disse, Tio Walter telefonou para tia Anne e, depois de esperar mais meia hora naquele deserto quente e empoeirado, o Sr. Pablo, o amigo mexicano do tio Walter chegou em sua camionete tão feia e velha quanto o pobre finado ferrugem.

– Tio Walter. Não seria mais seguro irmos à pé? – perguntei com algum sarcasmo. A camionete do Sr. Pablo parecia irmã mais velha do ferrugem.

– Está tudo bem, Fee – ele tentou me acalmar – Lembra do Sr. Valejo?

– Acho que não. Deveria? – perguntei no seco. Aquele sol estava me matando e já ficara estressada com toda aquela situação.

– Não se lembra da Rosa? – ele quis pescar alguma remota lembrança dos verões que passara na sua casa.

– Rosa? – indaguei.

– A Rosalyn. – explicou.

Agora sim lembrara. Rosalyn. Como poderia tê-la esquecido? A pequena mexicana de nome estranho que batia nos garotos da rua. Era praticamente uma

boxeadora criada à bomba. Nunca soube de uma garota como ela, tão mais forte e violenta que qualquer garoto de sua idade.

– Sim. Lembrei. A pequena Rosa... – dei um meio sorriso como se isso fizesse parte da minha “infância feliz”.

O Sr. Pablo aproximou-se de nós rindo e trazendo consigo uma corrente comprida. Como estacionara com a traseira da camionete para nós imaginei que também se prontificaria a rebocar o velho ferrugem – afinal os carros eram da mesma família.

– Como estas Walter? – perguntou o Sr. Pablo com sotaque mexicano.

– Parece que consegui fundir o motor do Malibu... – disse o tio Walter acariciando o teto do carro.

– Acontece, amigo. Vamos, deixe-me prendê-lo para rebocá-lo.

O Sr. Pablo olhou-me de cima a baixo como se eu viera de outro planeta – como se aquela barba mal feita e o boné de caminhoneiro o fizessem mais terráqueo que todos.

– Essa é a pequena Fee? – perguntou ele.

Parecia que ainda havia algumas dúvidas como, por exemplo: será que ele é cego? Tinha um metro e setenta e um. Como podia me chamar de pequena? – barrigudo.

O tio Walter sorriu e contou – com detalhes, não que o sol estivesse quente, mas tudo bem – a minha vinda para Siete Pasos. O Sr. Pablo, então, resolveu relembrar os momentos “agradáveis” da minha “infância feliz” brincando com Alexa, Sue Anne e Rosalyn.

– Tio Walter – chamei a atenção – Estou derretendo...

– Ah sim! Vamos, Fee – respondeu ele assustado.

Finalmente caíra a ficha que estávamos no meio do nada com um sol escaldante sobre nossas – minha – cabeça.

Entramos na camionete da qual o interior parecia ter saído de uma fossa cheia de óleo onde pelos cantos havia tantos pedaços de estopa que se podiam construir uns duzentos ninhos de rato.

– Tio Walter, essa é a avó do ferrugem? – perguntei ao pé do ouvido.

O tio Walter gargalhou e logo fez sinal de silêncio, repreendendo-me por fazer graça com a camionete do Sr. Pablo, que, por sinal, estava xingando-a em espanhol por não conseguir ligá-la.

– O que aconteceu, Pablo? – perguntou o tio Walter.

– Nada. Ela teima em ceder, mas ela pega – respondeu tentando ligá-la freneticamente.

O Sr. Pablo tentou pelo menos umas dezoito vezes até que conseguiu ligar a camionete. Naquele momento eu estava cantando louvores por aquele milagre.

Já era quase cinco horas da tarde e ainda estávamos na estrada. Nunca desejara tanto estar logo em Siete Pasos.

– Agora sim, vamos! – gritou o Sr. Pablo contente por ter feito a camionete funcionar.

Arrancamos – finalmente – e fomos o mais depressa que a velharia conseguia correr – em torno de uns quarenta quilômetros por hora – e logo – não tão logo – estaria na minha nova casa descansando meus ossos.

Tio Walter estava sendo o mesmo de sempre, ainda assim sabia que fazia isso por mim e, com certeza, era grata, mas por quanto tempo ele aguentaria sem tocar no nome de minha mãe? Sua irmã morrera não fazia dois meses e ele nem aparecera ao funeral. Eu mesma não teria ido se não por força maior – os conselheiros legais da instituição –, não por má vontade, mas por preferir conviver com meus sentimentos, sozinha.

– Fee... – ele disse em um tom triste. Sabia que não demoraria muito.

– Sim, tio Walter – estava pronta.

– Sei que passamos por um bocado nesses últimos dois meses. Não consegui sequer ir para Nova Iorque, mas quero que saiba que não falaremos disso até que você queira. Eu prometo que não a atormentaremos com isso.

– Obrigada, tio Walter – disse aliviada. Isso era muito legal de sua parte.

– Conheço você. Por mais que aparente estar lidando numa boa com isso tudo, sei que por dentro está sofrendo tanto quanto eu; então respeitaremos essa dor e tentaremos, sua tia e eu, fazê-la levar uma vida maravilhosa conosco – encerrou o tema.

Aparentemente não me conhecia tão bem assim. De fato estava triste com a morte de Amanda e Nicholas, meus pais, mas algo em mim tranquilizava-me, algo em mim dizia-me que estavam em um lugar melhor. Sempre olhei para essa vida com olhos estranhos aos demais, sempre me senti em um estado entre o sonho e a realidade, como se eu estivesse acordada, mas permanecendo adormecida. Claro que nunca falei com ninguém sobre isso, não entenderiam. No máximo eles me mandariam a um psicólogo.

– Estou feliz por estar aqui comigo, tio Walter – disse abraçando-o. Imaginei que fosse a coisa certa a se fazer naquele momento. Ele precisava daquilo.

Tio Walter sorriu e abraçou-me em resposta. Quase me sentia em casa, pois era minha família; porém ainda me sentia incompleta – não que isso fosse novidade. Fora assim a vida toda.

Após uma meia hora chegamos à cidadezinha de Siete Pasos. Sabem aquelas cidades onde todas as casas tem cercas brancas e gramados verdes? Siete Pasos sequer as lembrava. A cidade era quente e a terra vermelha dava aquele ar de “ve-

lho oeste”. As pessoas andavam na rua como se ainda fossem os anos noventa – não que eu tenha vivido esse tempo, mas alguns filmes confirmariam a minha história.

– Chegamos, Fee! – disse o tio Walter aparentemente excitado com toda aquela mudança em sua vida. Afinal quem em sã consciência levaria uma adolescente de dezessete anos para morar em sua casa quando já cria dois?

– Chegamos – disse em contraponto.

– Bem. Eu fico por aqui – disse o Sr. Pablo estacionando em frente à casa dos meus tios – Preciso voltar ou minha señorita me mata. Eu deveria estar ajudando-a a preparar os alimentos para abrirmos mais tarde.

– Obrigado pela carona Pablo. Vou ajudá-lo a soltar o carro, vamos – disse o tio Walter.

Ao descermos da irmã do ferrugem um estouro rompeu da porta da casa. Minha tia Anne, junto com Alexa e Rosalyn, – a qual levei alguns segundos para reconhecer – veio para cima de mim como se eu fosse o único pedaço de carne nas redondezas e elas estivessem sem comer há anos.

– Fee! – gritou tia Anne abraçando-me – Que saudade! – completou. Seu abraço parecia de um urso perfeitamente saudável.

– Prima! – disse Alexa abraçando-me logo que fui solta. Meus braços já estavam esmagados.

Alexa estava diferente. Pude reconhecer aquilo no momento em que tocou em mim. Entretanto sua beleza apenas aumentara. Imagino quantos homens matariam por ela sem pensar em suas almas.

– Como vai Sophie? – disse Rosalyn socando-me o braço ao invés de me abraçar. Parecia não ter mudado nada, além de estar mais bonita, ou mais feminina.

– Estou bem, Rosa. Estou feliz que tenha vindo – respondi.

– Rosa! Vamos. Tu madre ya debe estar loca! – disse o Sr. Pablo.

– Eu a vejo amanhã, Sophie! – disse Rosalyn indo em direção à camionete.

– Até mais, Rosa – respondi.

Tio Walter despediu-se do Sr. Pablo e logo entramos na casa. Tia Anne olhava-me como se ainda não pudesse crer que eu fosse morar com eles. Seus olhos brilhavam e seu sorriso era como se aliviara o coração. Sua casa não mudara nada desde minha última viagem. O andar de baixo, onde estava a sala de estar, continuava com o mesmo aspecto perturbador de um celeiro feito na época da colonização. A escada que subia para os quartos ganhara uma cor nova, mas nada muito gritante; e a porta da cozinha estava despencando – era como me lembrava.

– Você vai dormir no meu quarto, prima. Temos tanto para por em dia! – disse Alexa entusiasmada.

– Temos mesmo – disse sendo educada.

– Fee. Fiz sua comida predileta – disse a tia Anne.

Quando eu tinha dez anos, no meu primeiro verão na casa dos meus tios em Siete Pasos, minha tia Anne fez um andouillette para mim. Não foi uma experiência muito agradável. Logo após ter comido, Alexa me disse que era feito de tripas e miúdos de porco. Corri para fora e vomitei. Naquele mesmo dia tia Anne perguntou-me se gostara do andouillette. Menti. Disse ter adorado – não deveria ter mentido.

– Fez, tia Anne? – perguntei receosa.

Alexa, segurando-se para não rir, olhou-me e disse:

– Ela fez quase dez quilos de andouillette. Espero que não tenha comido nada no avião.

Aquilo foi uma dica. Deveria mentir que estava cheia.

– Na verdade tia Anne... – hesitava por medo de magoá-la, mas não conseguia sequer imaginar comer aquilo novamente – Acho que comi demais, posso deixar para amanhã?

Meu próprio coração partiu. Ela fizera especialmente para mim.

– Tudo bem, Fee. Vou dar para o vizinho. O andouillette não fica bom no dia seguinte – ela disse com certa tristeza.

– Desculpe-me tia... – estava pronta para desistir e me entregar ao andouillette – Eu acho que...

– Está tudo bem, Fee. Os nossos vizinhos gostam, não sei como conseguem comer isso. Só faço para você, sabia? Nunca imaginei que iria gostar, havia feito só para testar – ela disse indo para a cozinha.

Maldita mentira.

O tio Walter estava descendo as escadas de volta quando me dei conta que ele subira com minhas malas. Estava tão atordoada com o andouillette que me esqueci de ajudar.

– Está tudo lá no quarto de vocês, Fee. Alexandra, depois ajude sua prima a arrumar as coisas dela, tudo bem?

– Sim pai – disse Alexa que, puxando-me pelo braço, levou-me até o quarto.

– Obrigada pela dica, Alexa.

– Está tudo bem. Afinal fui eu quem a pôs nessa enrascada em primeiro lugar. Desculpe-me por isso, esta bem?

– Sem problemas. O tio Walter disse que está namorando...

– Aquele fofoqueiro – ela riu – Estou sim. Lembra do Ralph Rogers?

– Aquele que quase matou o garoto da bicicleta aquela vez perto da praça?

– Sim. O garoto se chama William, foi meu primeiro namorado. Durou dois meses. Na verdade o Ralph só bateu nele porque descobriu que ele tinha uma quedinha por mim.

– Mas isso foi antes de você sequer ter um namorado – disse confusa. Ralph sempre fora um valentão e por isso ninguém gostava dele.

– Sim. Parece que os dois já tinham uma quedinha por mim naquela época – ela disse orgulhosa.

– Você então viu algo de bom no Ralph, imagino...

– Ninguém nunca deu chance a ele. Eu dei.

– Imagino... – disse sarcástica.

– Estou falando sério, prima. O Ralph, lá no fundo... bem, bem, bem lá no fundo, é sensível. Hoje mesmo ele ficou de passar aqui para irmos jantar. Você vem conosco, não vem?

– O tio Walter deixou você sair assim à noite?

– O pai não gosta do Ralph, mas me conhece. Ele sabe que sou correta em tudo o que faço... e o Ralph nunca tentaria nada comigo, ele sabe como posso ficar estressada.

– Só imagino... – disse enquanto entrávamos no quarto.

– Você imagina muito, sabia? – ela disse rindo. Estava chamando-me a atenção por não me importar muito com o assunto.

Alexa colocou minhas malas sobre uma das camas do quarto e as abriu.

– Só trouxe isso? – perguntou ela ao ver o pouco de roupa que havia dentro.

– Só tenho isso – respondi.

– Como assim? Os tios eram bem de vida...

– O dinheiro era deles, não meu Alexa. Não quis ficar com nada.

– Não acredito nisso, prima. Como você foi burra!

– Não Alexa. Não achei certo.

– Tudo bem é uma escolha sua mesmo. Se vier comigo temos que escolher uma roupa perfeita.

– Como assim?

– Depois de comermos provavelmente iremos até El Matadero.

– El Matadero? O que é isso? – não sabia nada de espanhol.

– Significa O Matadouro. É um lugar deserto mais ao sul. Tem um desfileiro enorme. Os meninos fazem racha lá.

– Racha? Tipo uma corrida? Isso é seguro? – perguntei atônita. Sabia que muitos acidentes aconteciam nesse tipo de “evento”.

– Rachas não são para serem seguros, prima. São para serem emocionantes e excitantes.